

Tatiana Maria Corrêa Cavalcanti (UNICAP)¹

Wladimir Alberti Pascoal de Lima Damasceno(UnP)²

Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo(UNICAP)³

Resumo:

A gagueira é tema polêmico e controvertido. Existem vários estudiosos empenhados em desvendar esse enigma. No entanto, sentimos falta de pesquisas que contemplem a linguagem, incluindo assim, o sujeito, já que linguagem e sujeito se constituem mutuamente. Sendo assim, procuramos investigar qual o perfil dos sujeitos-gagos que utilizam comunidades virtuais e descrever as estratégias discursivas e não-discursivas que servem como apoio para o alcance de uma possível fluência, nesse veículo de interação utilizado pelos sujeitos em estudo. Realizamos uma entrevista semi-estruturada, que foi enviada por meio de e-mails para dez participantes que fazem parte de comunidades virtuais. Os dados foram obtidos através de pesquisa qualitativa e os resultados foram analisados e discutidos à luz da Análise do Discurso de linha francesa. Percebemos que muitos sujeitos gagos procuram na Internet apoio social.

Palavras-chave: Gagueira, Discurso, Internet.

Abstract:

Since stuttering always a controversial topic and controversial, several academics involved in unraveling this puzzle. However, we lack of research that address the language, thus excluding the subject, since language and subject constitute each other. Therefore, we investigate how the profile of subjects stutterers using virtual communities and describe the discursive strategies and non-discursive that serve as support for the achievement of fluency in a possible vehicle of interaction used by subjects in the study. Conducted a semistructured interview that was sent through e-mails to ten participants who belong to these virtual communities. Data were obtained through a qualitative research and the results were analyzed and discussed in light of discourse analysis of the French line. We realize that many individuals seek stutterers Internet as social support in seeking assistance with their disorder.

Keywords: Stuttering, Discourse, Internet.

Introdução

Um considerável número de sujeitos que gaguejam utilizam a Internet como apoio social, na tentativa de buscar ajuda para o seu distúrbio. Para isso, participam de comunidades virtuais onde mantêm contato com outros sujeitos-gagos e trocam, entre si, experiências e relatos de vida.

A comunidade gaga conta, no Brasil, com dois grupos virtuais de discussão: o Grupo *Gagueira* e o Grupo *Discutindo Gagueira*. Ambos apresentam-se atualmente com aproximadamente 700 associados, número que cresce todos os dias. Além dessas listas de discussões, encontramos sites informativos sobre esse distúrbio de fluência e várias comunidades no Orkut, onde os sujeitos discutem e interagem sobre suas dificuldades.

Este trabalho pretende realizar um perfil desses sujeitos-gagos que participam de comunidades virtuais e descrever as estratégias discursivas e não-discursivas que servem como apoio para o alcance de uma possível fluência e veículo de interação utilizado pelos sujeitos em estudo.

Desta forma, este artigo procura apresentar a visão de diferentes autores sobre a gagueira, no entanto, circunscrevendo o discurso como sendo o lugar da gagueira, além de discutir sobre a utilização da Internet como meio de facilitação para os sujeitos-gagos. Neste sentido, salientamos pontos fundamentais para a abordagem discursiva da gagueira, como a sua origem, interpretação, e analisamos as entrevistas, pensando nas condições de produção geradoras de fluência ou gagueira e descrevemos as estratégias discursivas e não-discursivas que servem como apoio para o alcance de uma possível fluência. Em seguida, serão discutidos os resultados encontrados na pesquisa.

Entre o sujeito e os discursos: uma história da Gagueira

Gagueira é sempre um tema polêmico e controvertido. Meira (1998) realizou uma pesquisa histórica dos estudos sobre gagueira, e identificou, até mesmo, entre pesquisadores que utilizam o mesmo paradigma científico, diferentes concepções sobre o assunto.

Na clínica fonoaudiológica da gagueira, essa divisão é revelada por cada clínico que defende uma teoria sobre o assunto, por cada profissional em seu fazer terapêutico. Na tentativa de melhor caracterizar cada uma dessas visões na clínica da gagueira, Oliveira e Friedman (2006) afirmam que o paradigma positivista determina a relação sujeito/objeto baseada na possibilidade de mensuração. A gagueira é considerada a partir do que é visível e audível, que pode ser apreendido por um instrumento clínico, gerando uma exploração linear e ordenada da natureza e funcionamento do objeto de estudo. Andrade (1998) e Bohnen (2003) são exemplos deste tipo de visão, pois sustentam a gagueira biologicamente, com proposta avaliativa e terapêutica quantitativa.

Existem poucos estudos que contemplem a gagueira sob o ponto de vista de uma teoria de linguagem. Todas as teorias, evidentemente, apresentam contribuições à clínica fonoaudiológica, na medida em que, de seus lugares teóricos, operam alguma forma de circunscrição da gagueira. Por não partirem de uma teoria de linguagem, essas abordagens, naturalmente fiéis à fundamentação teórica em que se apóiam, deixam escapar a linguagem e, com ela, excluem o sujeito, uma vez que ambos se encontram indissolivelmente atrelados, pois sujeito e linguagem se constituem mutuamente.

Benveniste (1988) abre uma nova perspectiva para as pesquisas sobre a linguagem. O autor enfatiza a questão da subjetividade. Com isso, a linguagem deixou de ser considerada apenas como um veículo de

comunicação entre falantes, para tornar-se o espaço onde o homem se constitui como sujeito. Com essa nova maneira de conceber a linguagem, o sujeito passa a ter a origem do seu discurso.

Segundo Ferriolli (2002), existem tantos tipos de gagueira como de sujeitos. Cada sujeito entende a sua dificuldade, de acordo com sua ideologia e suas perspectivas pessoais. Ao adotar um paradigma positivista, facilitamos o enquadramento “dessas gagueiras” em tipologias, criando protocolos e planos de tratamentos do ponto de vista genérico e não da singularidade do sujeito. Se tentarmos falar da gagueira como uma patologia ou um distúrbio, estamos aceitando que todos os sujeitos são iguais. No entanto, sabemos que por mais semelhanças que podemos ter, ninguém é igual a ninguém. Cada sujeito tem suas singularidades. Este sentido é importante para entender o sujeito que gagueja e, assim, poderemos articular com a Análise do Discurso que é a abordagem que fundamenta nosso trabalho.

O trabalho de Mestrado e de Doutorado de Azevedo (2000b; 2006) procura estudar a gagueira sob o ponto de vista linguístico-discursivo. O percurso se deu da clínica para a teoria. Primeiramente, a autora tentou compreender essa patologia a partir do funcionamento discursivo de sujeitos-gagos. Mais tarde, analisou o discurso de mães de crianças consideradas gagas e de oito sujeitos-gagos, durante o atendimento fonoaudiológico.

Diante de extensa discussão sobre o lugar da gagueira, Azevedo (2000b; 2006) salienta que a gagueira está situada em um espaço diferente do que foi proposto por outros pesquisadores da área. A autora afirma que a gagueira não está no sujeito, nem no ouvinte, mas nesse espaço intervalar, no seu discurso. A maioria dos sujeitos-gagos acha que a gagueira está neles próprios, na língua, no telefone, no ouvinte. O sujeito materializa sua gagueira a um objeto ou a um determinado ouvinte. Acreditamos que isso aconteça como uma maneira que o sujeito utiliza para localizar o lugar da sua gagueira, assim fica mais fácil dele ‘encontrá-la’ e criar estratégias para eliminá-la.

A partir da década de 60, a Análise do Discurso vem ocupando espaços significativos nos estudos sobre a linguagem. As diferenças das abordagens envolvem fundamentalmente o modo de fazer ciência, de ver o mundo e de entender a gagueira. A escolha pela abordagem da Análise do Discurso de linha francesa (AD) se deve ao trabalho com a formação social e ideológica, o que nos permite entender o normal/patológico que atravessa a constituição do sujeito-gago e o discurso fonoaudiológico. Outro ponto também importante é que a AD compreende uma visão psicanalítica do sujeito, onde procuramos estudar a constituição do sujeito-gago.

Para Orlandi (1987), a Análise do Discurso é uma des-disciplina, uma vez que é articulada em três regiões do conhecimento científico: o Materialismo Histórico (compreendendo a teoria da ideologia), a Linguística e a teoria do discurso, atravessada por uma teoria da subjetividade, de natureza psicanalítica. Sendo assim, as regiões seriam: (i) o Materialismo Histórico; (ii) a Linguística, ampliada e constituída pela afirmação da opacidade da linguagem, tem como objeto próprio a língua, que, por sua vez, tem sua ordem própria; e, como terceira região, (iii) a Psicanálise, com a interpelação da noção de indivíduo para a de sujeito, constituindo-se na relação com o simbólico. A justificativa para a modificação de filiação teórica da AD, entretanto, não está determinada em nenhuma das obras da autora.

Um conceito importante para a AD é a posição do locutor. O locutor experimenta o lugar do seu ouvinte pela antecipação, a partir do seu próprio lugar. É a maneira como o locutor concebe as representações de seu

interlocutor e vice-versa. A antecipação do que o outro vai pensar é constitutiva do discurso, ao nível das formações imaginárias (ORLANDI, 1987).

Outro conceito fundamental para a concepção do discurso é o **silenciamento**. Esse conceito significa que, ao dizer, o sujeito não diz ou diz outros sentidos. O dizer é interditado e, quando isto acontece, constituem-se discursos autoritários, onde não há reversibilidade. É negada ao sujeito a ocupação de diferentes posições, permanecendo estancado em um lugar, produzindo sentidos não proibidos (ORLANDI, 1993).

Levando em consideração o sujeito e a sua linguagem, na Análise do Discurso, Orlandi (2000) acredita que a forma que o sujeito falará dependerá da reação que irá produzir em seu ouvinte. Scarpa (1995), ao estudar a fluência e a disfluência no sujeito, relata que ambas dependem da relação do sujeito com a língua. A autora afirma que o sujeito fluente é uma abstração, já que na sua própria constituição a linguagem tem suas falhas.

Para estudar a gagueira, é preciso ir além do âmbito da fala do sujeito, com relação aos aspectos fonológicos e articulatórios, e perceber que a fala só é possível ser articulada porque o sujeito constitui-se na/pela linguagem a partir do discurso do outro. Sendo assim, devemos considerar que o processo não é apenas produção de fala, mas é um processo de construção da linguagem. Por isso é tão importante o discurso de familiares, o discurso do outro, pois é a partir do que é mobilizado pelo simbólico no imaginário do sujeito, que ele irá formar sua própria identidade de sujeito “gago” (FERRIOLLI, 2002).

Em algumas sociedades, a ideologia do bem falar não é tão valorizada e cobrada como a nossa. Segundo Van Riper e Emerick (1997), vivemos em uma sociedade competitiva, motivada pela ascensão social e que considera a habilidade verbal importantíssima. Para que o sujeito se sinta aceito na sociedade é necessário que ele tenha uma fala eficiente. A partir dessa ideologia do bem falar, cria-se um rótulo social, em que o sujeito que gagueja é estigmatizado (FRIEDMAN, 1994).

De acordo com Bakhtin (1997), os sujeitos sempre são retratados pelos seus interlocutores e saber que o outro pode ver-me, determina a minha condição. O sujeito que gagueja assume e interpreta, para si e para o outro, a posição discursiva já formada anteriormente e que é mantida por um saber que ele antecipa (FERRIOLLI, 2002).

Notamos que existe uma busca incessante à procura de uma explicação para a etiologia da gagueira. Por isso, alguns profissionais sentem a necessidade de ter em mãos alguma resposta que seja comprovada por aparelhos, e que nos dê uma resposta mais objetiva e concreta. No entanto, nessa busca ao tratamento da fala que apresenta dificuldades, os profissionais acabam correndo para os métodos cartesianos, positivistas, esquecendo-se do sujeito e de sua subjetividade e particularidades.

Quando a fala do sujeito gago não é valorizada pelo grupo em que o falante se encontra, essa ação gera medo, preocupação e insegurança ao falar. Essa situação concorre para a quebra do sinergismo natural da fala, apresentando-se tensão (OLIVEIRA, 1998). O sujeito, marcado por uma incapacidade para corresponder a um modelo ideal de fala, passa a acreditar na sua deficiência e busca uma nova maneira de se expressar: uma fala sem gagueira. A construção da imagem do sujeito gago se faz junto com a representação de mundo e da sua linguagem, que se vendo como impossibilitado de falar diferente do que é esperado pela sociedade, faz com que a sua fala seja cada vez mais carregada de tensão, cristalizando uma imagem estigmatizada de falante (FRIEDMAN, 1986).

Friedman (1986) salienta que o sujeito que gagueja acredita que precisa falar bem, pois a sociedade cobra isso dele. Desta forma, ele acaba interferindo na sua fala, tentando controlá-la para não gaguejar, quebrando a sua espontaneidade e gerando tensão. A autora afirma que essa situação se constitui, porque o sujeito prevê, antecipa a gagueira na fala ainda não falada, como mecanismo para evitá-la. Ao tentar ocultar a gagueira, ela fica mais evidente, pois essas tensões são percebidas e assimiladas pelo outro, que acaba se tornando tenso e reagindo de maneira tensa também. Assim, essa reação de tensão que é apresentada pelo outro, é entendida para o sujeito gago como uma não aceitação da sua fala, se angustiando e aumentando ainda mais o seu nível de tensão. A vivência sistemática em uma situação paradoxal, como afirma Friedman (1986), em que o sujeito gagueja, mas não pode gaguejar; tenta falar bem, mas gagueja, mantém o indivíduo preso, gerando o que a autora chama de *gagueira sofrimento*.

O conflito no discurso do sujeito gago remete-nos a uma nova análise: falar, falhar e frustrar-se vs não falar e, também, frustrar-se. O que é calado não é completo, é desejo e poderia ter sido falado. A frustração como finalização única desse conflito, seria a evidência na crença da incapacidade para a linguagem, fruto da situação paradoxal falar vs não falar. Existe uma supervalorização da língua, enquanto funcionamento, a língua e suas regras, ou seja, o falar bem. Na pressão social e na interpretação do sujeito em relação ao que a sociedade espera dele, há uma pressão interna na busca do correto na/pela linguagem (AZEVEDO, 2000a).

Segundo Azevedo (2000a), o sujeito-gago substitui as palavras na tentativa de busca de elementos de estruturas mais simples que favoreçam a liberação do discurso. Essas substituições estão relacionadas à pressão comunicativa, à autocobrança, até mais do que a cobrança do outro. As autocorreções são efeitos de mudanças da posição de interpretado para intérprete de si mesmo e do outro. O sujeito-gago vive autocorrigindo-se, realizando operações metonímicas. Durante a fala dele, há um desvio na dinâmica língua-linguagem, onde se observam repetições, bloqueios, substituições, autocorreções, que levam, muitas vezes, à perda do sentido. A supervalorização da língua desequilibra o movimento, esvaziando o sentido. O discurso se esvai, perde a força, rompe-se pelo poder da estrutura, da forma, do código. Muitas vezes, o sentido escapa na gagueira.

Pode-se perceber o estigma nos sujeitos entrevistados, pois está representado no que sentem quando gaguejam: timidez, ansiedade, aflição, impotência, exclusão social, raiva, frustração, vergonha, depressão, incapacidade, tensão, cansaço, desejo de fuga, falta de confiança e vontade de mudar. Tudo isso é sentido por esses sujeitos em virtude da gagueira, que é considerada por eles, como não poderia ser diferente, por ter sido construído socialmente, como algo indesejado e negativo.

Como foi dito, anteriormente, a comunidade de pessoas que gaguejam no Brasil conta com grupos virtuais, que são fóruns de debates assíncronos, pois os membros não podem conversar simultaneamente. As mensagens são digitadas e enviadas para os grupos, onde outros membros podem lê-las e respondê-las, se assim desejarem e quando desejarem.

Uma das vantagens desses grupos é que permitem descobrir, transformar e enriquecer as relações interpessoais. Os sentimentos de conforto, apoio, respeito e empatia, além da troca mútua e gratificante das experiências afetivas, permitem que cada sujeito se re-invente na relação com os outros.

Outro ponto interessante e importante nesses encontros em grupos é o processo de identificação. O grupo todo trabalha na medida em que um se espelha no outro. As pessoas se identificam por relatos de vidas e aprendem, com o outro, a como enfrentar as suas dificuldades.

A Internet torna-se cada vez mais popular em todo o mundo, diminui as fronteiras e facilita a comunicação entre as pessoas. Ao mesmo tempo e, contraditoriamente, a modernidade torna as pessoas mais sozinhas, mesmo sendo o mundo cada vez mais povoado.

Uma recente pesquisa realizada no Instituto Pew Internet, nos Estados Unidos, comprovou que o medo que a Internet isolasse as pessoas não tem fundamento. As relações virtuais são utilizadas como complemento e não substituições de outras vias de comunicação. O sociólogo, co-autor dessa pesquisa, relata que a internet está formando um novo fenômeno pessoal, que seria uma ascensão da rede individualista, em que os usuários da rede moderna estão menos ligados a grupos locais, indo à procura de grupos sociais mais espalhados geograficamente, obtendo uma variedade de pessoas e recursos apropriados para diferentes situações.

Caminhos metodológicos para enxergar o sujeito-gago

A pesquisa foi conduzida através de uma análise qualitativa, pois se concentra na busca da compreensão da dinâmica das relações sociais em sua complexidade (Demo, 1995). Foram realizadas dez entrevistas semi-estruturadas de sujeitos portadores de gagueira por meio de e-mails com dez participantes de listas de discussões de gagueira pela internet, comunidades do Orkut e MSN. Os sujeitos deveriam ser adultos (terem mais de 18 anos) e aceitarem livremente a participação na pesquisa.

Primeiramente, contatamos os mediadores desses recursos virtuais. Após seus consentimentos, foram colhidos desses sujeitos dados relevantes para a nossa pesquisa e realizada a análise das entrevistas. Os dados coletados, através das entrevistas semi-estruturadas, foram discutidos e analisados à luz da Análise do Discurso de linha francesa.

O espelho da gagueira: o discurso de sujeitos-gagos

Para este trabalho, selecionamos assim, algumas respostas que seguem abaixo:

Pergunta 1: Qual a queixa em relação à sua fala e qual o seu conceito de gagueira?

Nesta pergunta, temos a intenção de saber o que o sujeito diz a respeito de sua queixa, se ele já indica a sua gagueira ou se desvia, relacionando a gagueira a um problema articulatório ou de velocidade de fala.

Dos dez sujeitos pesquisados, três afirmaram ser a gagueira a sua queixa principal. Entre estes três, apenas um afirmou ser a “minha gagueira”, o seu problema. Dos sete que não revelaram ser a gagueira a sua queixa, quatro disseram que é um momento de bloqueio na sua fala, que sentem a sua fala travada, e três descreveram a gagueira como sendo “discriminação da fala”, “a não naturalidade da fala” e uma “fala rápida”. É interessante pensar que dos dez sujeitos, apenas três se referiram à sua queixa de fala como sendo a gagueira, enquanto o restante desviou o foco.

Em relação à sua queixa, o Sujeito 1 relata que “sinto-me incapaz de conversar normalmente com as pessoas, tenho ansiedade na hora da conversação, medo da reação das pessoas, medo e vergonha do que possam pensar de mim, do problema da gagueira. Para mim, a gagueira é um distúrbio na fala que interfere na

comunicação com outras pessoas, no relacionamento social e afetivo”. O sujeito 2 queixa-se da “não naturalidade da fala. O fato da fala ser forçada e inconstante” e acredita que a gagueira seja um distúrbio da fala, tornando irregular a pronúncia de palavras e frases, causando, com isso, sérios problemas de relacionamento e convívio em vários ambientes sociais e profissionais, com consequentes distúrbios emocionais. O sujeito 3 relata que a gagueira incomoda tanto quem fala, quanto quem ouve. “Como ser humano que sou, tenho dias melhores e piores e gaguejar nos dias mais ‘difíceis’ é bem pior”. Em relação ao seu conceito de gagueira, acredita que seja uma pessoa com dificuldade para falar frases sem pausas e/ou repetições. “Já ouvi que todos são gogos, porém alguns casos são mais constantes”. O sujeito 6 relaciona a sua queixa de fala como a “minha gagueira”. Segundo Tassinari (2001), mesmo a gagueira não estando em um dos atos como sujeito, ele refere-se a ela como sua. Ao discutir a clínica fonoaudiológica, Millan (1993, p. 63) realiza uma analogia da doença a uma máscara, conforme podemos apreender:

A máscara pode ser entendida como era no teatro grego, onde sua função seria representar uma realidade. A pessoa que portava a máscara, na representação teatral, não existia no sentido de uma realidade dissociada daquela indicada pelo adorno. Em outras palavras, a pessoa mesma inexistia, já que era irrelevante como fonte de significação. O que entrava em cena eram máscaras. Isso posto, na clínica, o que entra em cena, numa perspectiva como esta, são doenças e não pessoas. Reconhece-se uma aparência, são vistos sintomas. O sintoma pode ser observável, classificável e, portanto, traz a marca da previsibilidade. Pela máscara, pelo sintoma, a audiência já sabe do que se trata. A pessoa em si fica fatalmente anulada.

Já o sujeito 9, relaciona a “sensação de trancar, de esforço físico. O que para as outras pessoas é tão fácil, para mim é extremamente difícil. Falar ao telefone, em público, dar uma informação, solicitar uma informação... tudo é difícil.” Este sujeito vê a gagueira como qualquer deficiência física, uma falha, no caso, na faculdade da fala.

O que podemos perceber em relação a essas respostas é que a gagueira representa um grande peso social para o sujeito gago. Verificamos na resposta do sujeito 1, que ele relaciona a sua queixa de fala ao julgamento que o outro fará da sua fala gaguejada. É interessante comparar as respostas do sujeito 2 e do sujeito 9, em que colocam a sua queixa de fala em relação a um esforço físico, chegando a perder a naturalidade da sua fala. No entanto, essa naturalidade de fala já é perdida quando o sujeito-gago tende a controlá-la na intenção de falar bem. A fala é espontânea e não deve ser controlada. Por isso, podemos notar diante do discurso de sujeitos-gogos, que eles se colocam sempre em um lugar de inferioridade em relação à fala do outro. Devido a isso, é que a maioria dos sujeitos-gogos relaciona a fala a um ato em que atribuem medo, pois toda posição de desigualdade remete-nos ao medo e à insegurança.

O sujeito 3 conceitua a gagueira como sendo uma pessoa que apresenta dificuldades em falar frases sem pausas e repetições. Friedman (1986) descreve a gagueira como repetições, hesitações, bloqueios e temores, que são visíveis na fala. Contudo, diz que a conceituação da gagueira, precisa e clara, depende das condições internas e subjetivas do sujeito, pois ela ressalta a importância do estigma do bem falar na origem e na manutenção da gagueira.

Quatro sujeitos fizeram relação entre o conceito da gagueira e as características linguísticas, como prolongamentos de sons, repetição de sílabas e bloqueios. De acordo com Van Riper (1982), as principais

características da gagueira são repetições de sílabas, palavras e frases, bloqueio de fonemas e prolongamento de sons.

Cinco sujeitos conceituaram a gagueira como tensão ou nervosismo, o que nos faz pensar sobre a relação de causalidade que existe entre nervosismo/gagueira. Van Riper (1972) usa em sua terapia exercícios de relaxamento, procurando manter a descontração muscular, uma vez que ele acredita ser esse o mantedor da sua fluência. No entanto, os sujeitos afirmam gaguejar mesmo estando relaxados, o que negaria, assim, esse vínculo.

Isso nos faz entender o reconhecimento que o sujeito-gago tem de sua gagueira. Diante dessa discussão, concluímos que os entrevistados reconhecem o conceito de gagueira de forma fragmentada, expondo apenas seus sintomas. Na abordagem que procuramos trabalhar nesta pesquisa, vemos a gagueira como um distúrbio de linguagem que está ligado à produção do discurso e à previsão do erro.

Pergunta 2: Quais as causas da gagueira e quais os sintomas que você associa a ela?

Nessa questão, procuramos buscar qual a etiologia da gagueira que o sujeito-gago traz consigo, já que é um assunto bastante controverso no estudo da gagueira e que ainda não traz comprovação científica.

Dos dez sujeitos pesquisados, seis relacionaram a causa da gagueira a algum fator psico-emocional. Os quatro que não se encaixam nessa categoria acreditam que a causa da gagueira esteja relacionada a “problemas neurológicos”; “hereditariedade”; “um conjunto de fatores que desencadeiam a gagueira” e um participante afirma desconhecer a causa.

Em relação aos sintomas associados, sete participantes relatam sentir medo, pânico, ansiedade, tensão muscular, depressão, insatisfação social, incapacidade e raiva. Dois participantes relatam os sintomas associados como repetição de sílabas, hesitações, prolongamentos, e um sujeito associa como sintoma da gagueira o fechamento das pálpebras quando vai falar.

Segundo o sujeito 1 “acho que a causa principal seja psicológica, pois sou muito tímido, ansioso e nervoso. Também tive uma queda na infância, onde bati forte com a cabeça, talvez tenha interferido no processo da fala. Mas não atribuo a uma causa única, acho que é uma associação de fatores que acaba contribuindo para os sintomas da gagueira”.

Van Riper (1982) considera a etiologia da gagueira como sendo multifatorial e ainda revela comprometimento motor no ato da fala. A gagueira é o resultado de um conjunto de fatores formados por: penalidade, frustração, ansiedade, culpa, hostilidade, mais medo de situação e medo de palavra, mais stress de comunicação, divididos por moral e fluência.

O sujeito 1 relata algo interessante quando nos revela que vive no conflito entre falar e não falar. “Desisto de falar, aceitando a opinião dos outros para não me expor e gaguejar ou por não conseguir falar o que desejava.” Segundo Friedman (1996), o sujeito encontra-se em um paradoxo entre falar e não falar. Ele precisa falar porque precisa se comunicar, porém o seu modo de fala não é aceito e, assim, muitas vezes, é preferível se calar.

Um conceito importante para essa compreensão do discurso do sujeito-gago é o silenciamento. É a política do silêncio, que, segundo Orlandi (1993, p. 31), aparece como “tomar a palavra, tirar a palavra, obrigar a dizer, fazer calar, silenciar, etc”. O silenciamento significa que, ao dizer, o sujeito não diz, ou diz outros sentidos.

O dizer é interditado e, quando isto acontece, constituem-se discursos autoritários, onde não há reversibilidade (AZEVEDO, 2006).

O sujeito também salienta “que os maxilares travam, falta ar na laringe.” Para Friedman (1996), isso acontece porque as pregas vocais se fecham de maneira inconsciente na tentativa de tentar controlar, conter e segurar a gagueira. Sendo assim, no exato momento em que se fecham, surgem nas falas os bloqueios e a fala se interrompe.

O sujeito 3 considera que a causa da gagueira foi devido “à morte do meu pai, que juntamente veio com a queda no nível de renda familiar, além de várias peripécias, como ver o sofrimento de minha mãe, e a queda no estilo de vida. Passei por esta fatalidade quando tinha 8 anos”. O sujeito 4 relaciona a etiologia da gagueira ao discurso da mãe: “diz minha mãe que fiquei assim depois dos meus oito anos de idade, pois havia constantes brigas em casa e eu tinha medo, ficava muito nervosa e me reprimia”. Barbosa (1998) afirma, que frequentemente os pais a procuravam com a queixa de gagueira e traziam consigo algo que pudesse estar relacionado com a causa da gagueira de seus filhos: “acho que meu filho é gago porque andava muito com o primo que também era”, ou buscavam algum fato que tivesse acontecido anteriormente, quando a criança começou a manifestar os primeiros sintomas da gagueira (IRWIN, 1993).

O sujeito 9 relaciona sua gagueira a um trauma: “o problema surgiu após uma surra, na qual fiquei seis dias em coma e mais ou menos um ano sem voz. Após o período muda, minha fala voltou com gagueira grave”. Em relação aos sintomas, refere-se a “medo, pânico e insegurança”.

Como percebemos, a maioria dos entrevistados relaciona a causa da gagueira a aspectos psico-emocionais, como perda de parentes, uma surra que levou, trauma psicológico, queda na infância, medo, pânico, ansiedade, insegurança, depressão.

Para Johnson (1959) o medo é o maior causador da gagueira. O medo de sons, de palavras e situações conduz o sujeito à gagueira, ou ele acaba fugindo, optando pelo silêncio ou pela substituição de palavras que ele julgue que não haverá disfluência.

Segundo Emerick e Haynes (1986), a maioria dos sujeitos-gagos adquire uma imagem negativa do seu problema, podendo-se constituir uma gagueira neurótica ou histérica. No entanto, Irwin (1993), afirma que os gagos geralmente são mais ansiosos com relação à linguagem em comparação a pessoas que são mais fluentes, porém isso não faz com que eles sejam mais neuróticos do que as outras pessoas. A autora desconsidera essa causa em seu estudo.

Acreditamos que a etiologia da gagueira esteja ligada aos discursos autoritários em que não existe a reversibilidade discursiva em relação à gagueira. Esses discursos podem situar a criança em uma relação de ordem de cima para baixo. Durante a aquisição da linguagem, é natural que a criança apresente alguns deslizos na fala, como na seleção de palavras, pois seu léxico ainda se encontra bastante restrito, pode apresentar alguns prolongamentos de sons, repetição de sílabas, hesitações. O discurso do adulto é carregado de elementos parafrásticos, solicitando à criança que fale direito, fale devagar, respire antes de falar, o que não permite reversibilidade.

Essa atitude do outro faz com que a criança se recuse a falar, a utilizar estratégias para adiar a gagueira, substituir palavras que considera mais fácil. Diante disso, a criança, comparada ao outro, depara-se com o não-

assemelhamento, passando a sujeito-gago, silenciado pelo outro. Assim, a criança passa a ter uma ideologia estigmatizada de falante.

Em relação aos sintomas, foram identificados mais de um sintoma por sujeito-gago, entre eles: “depressão”, “medo, pânico, insegurança”. O sujeito 1 referiu-se a “bloqueio e hesitações, ritmo de fala acelerado, tensão nos dedos das mãos, região cervical e ombros, bloqueios da fonação, pausas silenciosas, falha no ritmo da fala, falta de sincronização entre a respiração e a fonação, distorções corporais, esforço motor durante a fala, suor exagerado e batimentos cardíacos acelerados em situações difíceis. Conflito entre falar e não falar. “Desisto de falar, aceitando a opinião dos outros para não me expor e gaguejar ou por não conseguir falar o que desejava”. Sinto que os maxilares “travam”, falta ar na laringe.” O sujeito 3 diz: “acho que deve ter muito do emocional. Sou uma pessoa um tanto ansiosa, protetora e perfeccionista, porém gaguejo também quando estou relaxado, embora bem menos e creio que por vício – mania de gaguejar, de não fazer o bom emprego da respiração e da língua.” Observamos, aqui, a relação direta que o sujeito faz entre gagueira/nervosismo e respiração/fala.

Van Riper (1982) estabelece uma série de sintomas comuns ao sujeito-gago. O autor chama de comportamentos expressos e encobertos. Os expressos relacionam-se às repetições, prolongamentos e bloqueios. Associados a esses sintomas, encontram-se os comportamentos secundários, que são as tensões, tremor, medo de gaguejar, fala inspirada. Os comportamentos encobertos “são os sentimentos, as reações, as atitudes de quem gagueja”. O autor considera esses mais difíceis de registrar, pois são comportamentos ocultos e que dependem da palavra do sujeito.

Pela proposta discursiva, o sintoma é compreendido como uma metáfora que precisa ser entendida. O sintoma é sempre inédito e deve ser escutado em sua singularidade (AZEVEDO, 2006).

Pergunta 3: Onde está localizada e o que faz para evitar ou adiar a sua gagueira?

Nesta pergunta, queremos saber onde o sujeito acredita estar a sua gagueira e se ele faz uso de estratégias na tentativa de evitar a sua disfluência.

Em relação ao lugar da gagueira, dos dez sujeitos entrevistados, seis consideram que a gagueira é algo que está no corpo. Dois acreditam que a gagueira acontece devido ao julgamento do outro em relação à sua fala e dois a questões de antecipação da gagueira.

O sujeito 3 acredita que a gagueira está na sua forma errada de respirar e na falta de mobilidade da língua. O sujeito 5 afirma que ela está localizada no cérebro, ou seja, refere-se a algo que está localizado no corpo. O sujeito 1 localiza a sua gagueira na antecipação e relata que “a gagueira está localizada no momento que antecede o falar, quando dispara um sinal de perigo, surge a angústia, o sofrimento por ser diferente, a ansiedade e a tensão são intensas, surge o medo da reação das pessoas”. O sujeito 7 considera como lugar: “na cabeça, problema de auto-confiança, esquecer esse problema que não é nada mais do que uma coisa que colocamos em nossa cabeça”.

Acreditamos que a gagueira situa-se em outro lugar do que foi proposto até então. A gagueira não está no sujeito, nem no ouvinte, mas, segundo Azevedo (2000b; 2006), nesse espaço intervalar – no discurso.

Os sujeitos pesquisados localizam a gagueira em seu corpo, no ouvinte, na língua. O sujeito-gago tende a materializar a sua gagueira. Acreditamos que isso aconteça como uma forma de facilitar a sua eliminação. Sob esse ponto de vista, a gagueira, estando no sujeito, ele se coloca na posição de incapaz, o que gera a previsão e a certeza do erro.

Segundo Azevedo (2006), a constituição do sujeito é sempre uma posição *em relação a*. O sujeito-gago não reconhece este conceito, já que se vê sempre como gago, cristalizado em apenas um lugar. Sendo assim, segundo a autora, o sujeito vê a si mesmo ocupando apenas um lugar, o de sujeito-gago, sem mudança de posição para sujeito-fluente. Azevedo nos faz refletir sobre a importância da posição do sujeito em relação à prática terapêutica, uma vez que o distúrbio não se encontra no sujeito, mas em uma posição discursiva em relação ao outro.

Em relação às estratégias usadas para adiar ou evitar a gagueira, dos dez entrevistados, cinco relatam usar alguma estratégia para adiar ou evitar a gagueira, enquanto dois revelam não fazer uso de nenhuma estratégia, procurando aceitar a sua gagueira, e os outros três fogem do tema proposto ao responder a pergunta.

Entre os que afirmam utilizar alguma estratégia para adiar a gagueira, o sujeito 1 declara utilizar estratégias como: “uso sinônimos, expressões corporais estranhas, “caretas”, uso interjeições antes de palavras difíceis, troco palavras consideradas difíceis por outras mais fáceis, isso prejudica ainda mais minha comunicação”. O sujeito 2 diz que fica atento à sua fala. “É uma vigília constante, no qual todas as palavras e frases que vou falar são avaliadas e estudadas pra saber se vou conseguir dizê-las. Um trabalho árduo, por sinal. Tento usar algumas dicas de pronúncia, dicção e por aí vai”. O sujeito 6 afirma que, para evitar a gagueira, ele evita situações onde possa gaguejar. “Por exemplo, uma reunião onde todos terão que se apresentar, eu tento chegar somente depois que todos já se apresentaram e o papo já está rolando”. Já o sujeito 7 relata fazer uso também das estratégias não-discursivas como “às vezes coloco a mão no olho (tipo um cacoete)”, além de substituir palavras por aquela na qual considera que será mais fluente.

Azevedo (2006) entende o uso dessas estratégias como sendo algo que deve ser colocado no lugar do erro iminente, previsto e certo, antes que ele ganhe visibilidade na interpretação. Em sua tese de doutorado, afirma que a maioria dos sujeitos entrevistados revela usar estratégias para evitar ou adiar a gagueira, como falar mais devagar ou mais depressa, substituir a palavra a ser dita, controlar a fala, permanecer em estado de vigília da fala, tentar falar menos, tentar ter menos afinidade com as pessoas.

Na nossa proposta discursiva, afirmamos o uso de estratégias discursivas e não-discursivas. As estratégias discursivas são aquelas que o sujeito-gago substitui a palavra que ia ser dita por outra na qual considera que será mais fluente. Nas estratégias não-discursivas, o sujeito-gago age no corpo, usando artifícios corporais, como piscar os olhos fortemente, bater as mãos, bater os pés, na tentativa de evitar a gagueira.

Para Friedman (2001), qualquer falante pode apresentar gagueira natural, podendo gaguejar no contexto de sua fala. Sendo assim, não há 100% de fluência em ninguém. O aparecimento da gagueira tem um motivo peculiar para cada pessoa, por exemplo, diante de um sentimento de segurança sobre o que vai ser falado, a fala tornar-se mais fluente do que no contexto de ansiedade, insegurança e competição para falar.

Pergunta 4: Que situações o conduzem a mais gagueira? Em que situações se consideram mais fluentes?

Nessa questão, procuramos saber quais situações ou pessoas conduzem os sujeitos-gagos a aumentar a sua gagueira, e em que situações eles notam o aumento da sua fluência.

Em relação a situações que conduzem ao aumento da gagueira, o sujeito 1 relata que “tomar iniciativa para ler em aula, responder em voz alta a chamada de classe, falar com professores ou autoridades, fazer perguntas na classe e apresentar trabalhos na faculdade” sempre gera o aumento da gagueira. Como o sujeito 1, o sujeito 3 considera o ambiente de sala de aula gerador de gagueira. “Tenho pavor de ambiente de sala de aula... e apresentar trabalho é sempre muito ruim. Não apresento desde que estava no último ano do ginásio, onde, literalmente, travei na frente de todos. Hoje, estou prestes a me formar e não apresentei trabalho algum – exceto um, quando mais da metade da sala não estava presente”. O sujeito 8 diz que o telefone faz aumentar a sua gagueira. Para o sujeito 9, “telefone, pessoas estranhas, solicitar uma informação” trazem como efeito mais gagueira. O sujeito 10 afirma que “ir ao banco negociar crédito, ou depender de outras pessoas para realizar atividades simples, como falar ao telefone” são condições de produção geradoras de bloqueios.

Podemos notar que muitos sujeitos relacionam o aumento da disfluência ao uso do telefone, falar em público, com professores, com pessoas que assumem uma posição hierarquicamente superior, falar com desconhecidos, familiares, pessoas que ficam tentando corrigir a fala. Nesta questão, procuramos conhecer as posições discursivas geradoras de gagueira, considerando o olhar discursivo em que o sujeito ocupa posições discursivas, dependendo das condições de produção.

Segundo Van Riper (1972), existem certas situações causadoras de medo que acabam por gerar a gagueira. Ele cita sobre o conteúdo a ser transmitido (quanto maior a responsabilidade em relação à fala, maior o medo); medo de algumas situações sociais e medo de pessoas hierarquicamente superiores. Para o autor, o medo de falar é gerador de tensão, que leva à gagueira, que conduz a mais medo e que conduz a mais gagueira.

Azevedo (2006) interpreta o ‘medo’ do autor, a partir do enfoque linguístico-discursivo, como condições de produção presentes em toda situação discursiva. A autora afirma que nelas estão contempladas a situação dos protagonistas, a relação de sentido e a antecipação.

Em relação a situações geradoras de fluência, procuramos entender que situações ou pessoas conduzem a posições discursivas geradoras de fluência.

O sujeito 1 relata que apresenta maiores momentos de fluência “quando estou com amigos, familiares, namorada, quando estou tranquilo, quando converso com um amigo (a) já bastante conhecido”. Os sujeitos 3, 6 e 7 afirmam que as situações em que há o aumento de fluência é quando eles não estão preocupados com a fala. O sujeito 6 exemplifica: “porque não preciso me preocupar com a minha fala. Então ela é natural, não preciso ficar me policiando em relação a palavras nas quais irei travar ou o que, principalmente, as pessoas vão achar de mim e por eu ser gago”. O sujeito 9 relata que não gagueja quando está em sala de aula: “sou professora e sinto que domino o assunto”.

A maioria dos pesquisados relaciona o aumento da fluência ao fato dos interlocutores serem pessoas muito conhecidas, amigos, familiares, namoradas, porque afirmam que as pessoas já sabem da sua gagueira e não precisam ficar se policiando na tentativa de falar bem. Em relação às situações geradoras de fluência, relatam que quando estão tranquilos, calmos, relaxados, em momentos de raiva e briga são mais fluentes.

Já em relação às situações comunicativas, pode-se observar que, para um sujeito, é fácil falar com conhecidos, para outro, isso é difícil. O valor que é dado a cada uma delas é determinante. Além disso, observa-se que as situações “fáceis” e “difíceis” estão mapeadas pelos sujeitos. Eles sabem antecipadamente que, nestas situações, com estas pessoas, terão mais ou menos dificuldades articulatórias. Nas situações consideradas “difíceis para falar”, em que haverá maior presença de gagueira, há uma necessidade subjetiva (e intersubjetiva) de falar bem. O sujeito acredita não poder gaguejar, para não desapontar seu ouvinte, ou até mesmo, o ouvinte julgaria o sujeito como desqualificado em virtude da sua fala gaguejada, que é relacionada, em nossa sociedade, a sujeitos nervosos e inseguros.

Sob o olhar discursivo, acreditamos que a fluência seja causada pela ausência do interlocutor ou por não se sentir julgado como ‘gago’ por ele. Em relação aos momentos de raiva e briga, geralmente o sujeito não perde tempo estruturando sua linguagem. Sendo assim, acreditamos que a linguagem elaborada, ensaiada, é que conduz o sujeito à posição de gago, porque o insere nessa ordem do discurso.

Para que exista a gagueira, é necessário a presença de um interlocutor. Quando o sujeito-gago conversa com uma criança ou fala sozinho, ele não gagueja. Por isso, acreditamos que não exista nenhum distúrbio neurológico no sujeito-gago, pois se existisse, não iria influenciar a presença ou não de um ouvinte, uma vez que, para existir gagueira, o sujeito-gago precisa estar numa posição discursiva na relação com o outro.

Considerações finais

Diante do que foi estudado sobre a gagueira, observou-se que essa tem sido discutida por diferentes concepções. Porém, chegamos ao consenso de que a gagueira é vista como uma forma de sofrimento e procuramos compreendê-la como um distúrbio discursivo, diretamente relacionado às condições de produção, em que, mesmo antes de falar, o sujeito já tem a certeza de que gaguejará.

O sujeito-gago é discriminado diante da sociedade, sendo sua gagueira vista como uma doença, que precisa ser curada. Sendo assim, nosso objetivo terapêutico diante da gagueira é inserir outra visão sobre ela, tentando desmistificar que a fala é sempre perfeita, sem deslizes. É fazer com que o sujeito comece a perceber em sua fala seus momentos de fluência e mudar sua imagem estigmatizada de sujeito-gago, para sujeito-fluente. Existe uma ideologia do bem falar na sociedade. Por isso, é esperado que todas as pessoas falem bem e corretamente. Ao gaguejar, o sujeito carrega consigo a imagem estigmatizada de falante, formada ainda na infância, considerando um estigma social marcado. A partir dessa visão, entendemos a importância que os valores sociais e a interpretação do outro têm para a produção da fala.

É possível perceber que o grupo virtual apresenta implicações sociais que contribuem para o bem-estar de sujeitos que gaguejam. Os indivíduos vivenciam experiências pessoais de mudança, tendo em vista identificarem-se com outros semelhantes, trocarem conhecimentos e experiências. O indivíduo conhece-se a si próprio, através dos depoimentos semelhantes de outros. O que era inaceitável começa a tornar-se auto-aceitável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, C.R.F. Programa fonoaudiológico de avaliação das gagueiras Infantis. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, ano 2, Suplemento 1, p.61-66, nov. 1998.

AZEVEDO, N.P. da S. G.de. Uma Análise discursiva da gagueira: trajetórias de silenciamento e alienação na língua. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. Curso de Mestrado em Fonoaudiologia, 2000a.

_____. Gagueira: a estrutura da língua desestruturando o discurso. Revista Symposium, Ano 4 - Número especial, novembro, 2000b.

_____. A gagueira sob a perspectiva lingüístico-discursiva: um olhar sobre a terapia. Tese de doutorado (doutorado em Letras e Lingüística). UFPB - PB, 2006.

BAKTHIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes; 1997.

BARBOSA, L.M.G.; CHIARI, B.M. *Gagueira: etiologia, prevenção e tratamento*. Carapicuíba, SP: Pró-Fono, 1998.

BENVENISTE, E. – *Problemas de linguística geral I*. Pontes Editores, Campinas, 1988.

BOHNEN, Anelise J. “Fazendo terapia para crianças que gaguejam e orientando suas famílias”, in: RIBEIRO, Ignês M. (org). *Conhecimentos essenciais para atender bem a pessoa com gagueira*. São José dos Campos, SP: Pulso Editorial, 2003.

EMERICK, L. L. ; HAYNES, W.O *Diagnosis and evaluation in speech pathology*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall Inc., 1986.

FERRIOLLI, B.H.V.M. A Análise de discurso como proposta clínica fonoaudiológica nos casos de disfluência da fala. Relato de um caso. In: MEIRA, I. *Tratando Gagueira: diferentes abordagens*. São Paulo: Cortez, 2002; p.79-90.

FRANCOIS, F. *Práticas do oral: Diálogo, jogo e variações das figuras do sentido* frederic francois ; trad. de lelia erbolato melo. 1. ed. Carapicuíba, (sp): Pró-Fono, 1996. 235 p.

FRIEDMAN, S. *Gagueira: origem e tratamento*. São Paulo, Summus, 1986. 143 p.

_____. *A construção do personagem bom falante*. São Paulo: Summus, 1994.

_____. O caso de Amadeu. In FRIEDMAN & CUNHA. *Gagueira e Subjetividade: possibilidades de tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

IRWIN, A. *Gagueira: uma ajuda prática em qualquer idade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

JOHNSON, W. *The onset of stuttering*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1959.

MEIRA, M.I.M. *Gagueira: do Fato para o Fenômeno*. São Paulo, Cortez, 1998. 144 p.

MILLAN, B. *A clínica fonoaudiológica: análise de um universo clínico*. São Paulo: EDUC,1993.

ORLANDI, E. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

_____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2000.

SCARPA, E.M. Sobre o sujeito fluente. Cad. de Estudos Lingüísticos, Campinas, v.29, p.163-184, Jul./Dez., 1995.

SOUZA, L. A. de P. Da gagueira: entre o medo e o desejo. In. FRIEDMAN, S. e CUNHA, M.C (orgs). *Gagueira e Subjetividade: Possibilidades de tratamento*. Porto Alegre: Artmed Editora p. 105-13, 2001.

TASSINARI, M.I. *Do sintoma ao sujeito: contribuições da Psicanálise para o atendimento de um paciente gago*. In: FRIEDMAN, S.; CUNHA, M.C. (Orgs) *Gagueira e subjetividade: possibilidades de tratamento*. São Paulo: Artmed, 2001, p. 77-94.

VAN RIPER, C. *Speech Correction: principles and methods*. 5 ed., Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1972.

_____. *The nature of stuttering*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, 1982.

VAN RIPER, C. e EMERICK, L. (1997) *Correção de Linguagem: uma introdução à patologia da fala e à audiolgia*. Trad. de Marcos A. G. Domingues. 8ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas. P. 260-313.

Autores

¹ Tatiana Cavalcanti, Mestranda
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)
tatianac.cavalcanti@gmail.com

² Wladimir Alberti Pascoal de Lima Damasceno, Fonaudiólogo.
Universidade Potiguar (UnP)
wladimirdamasceno@gmail.com

³ Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo
Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)
nadiaazevedo@terra.com.br